

O LUXO E AS MODAS EM TEXTOS DE CORDEL DA SEGUNDA METADE DO SÉC. XVIII

Por Maria José Moutinho Santos

Da magnífica colecção de Folhetos de Cordel da Biblioteca Pública Municipal do Porto pretendemos destacar, para este trabalho, um numeroso conjunto de textos editados na segunda metade do séc. XVIII, que têm as Modas como tema privilegiado.

Longe de ser uma temática nova no panorama literário português, a originalidade, neste caso, provém da sua difusão através desta fórmula editorial menor que conheceu um grande incremento na época, nomeadamente entre as décadas de 70 e 90, acompanhando o desenvolvimento editorial e a ascensão da burguesia.

No seu conjunto, os textos que estudámos apresentam-se em caderninhos em 4.^a, na sua maioria de dezasseis páginas, com um mau papel, uma má impressão, uma deficiente tintagem e uma grosseira composição, sendo construídos, frequentemente, com uma certa pobreza imaginativa. Por vezes, mesmo, autores e editores limitaram-se a re-utilizar textos anteriormente publicados que adaptaram às circunstâncias do momento¹.

¹ Neste conjunto de Folhetos, que reunimos, podemos citar dois exemplos: a *Nova Relação contra as mulheres ou parvoices dos seus enfeites...*, editada clandestinamente, não é mais que uma tradução quase integral do Folheto espanhol *Relacion en contra las Señoras Mugerres...*; do mesmo modo a *Assembleia Curioza e Observador Academico...*, editado em Lisboa por Simão Thaddeo Ferreira em 1788 é a adaptação de um dos números do *Anónimo* correspondente ao ano de 1752 — Das Modas. Curiosamente, como assinala Marie-Helene Piwnick no seu trabalho sobre este Periódico, este número é uma adaptação de La Bruyère, *Les Caractères ou les mœurs de ce siècle* (1688), capítulo «De la mode».

Mas estas características, que são comuns a muita dessa literatura marginal, não impediram o seu êxito, e serão numerosas as Casas Impressoras que, nomeadamente na segunda metade do séc. XVIII, irão estar envolvidas na publicação de Folhetos². A sua popularidade e o êxito que obtiveram, frente à própria produção livreira, é atestada em meados do séc. XVIII num folheto intitulado «*Conversacion llorada de un librero de la Villa de Madrid hecha a otro amigo (...) por el infausto sucesso, que tuvo con la venta de sus libros, en la Corte de Lixboa*»³, no qual o livreiro se queixa amargamente de não ter feito negócio porque «*todo el dinero, con que (os portugueses) haviam de pagar mis volumenos, gastan en unos papelitos ridiculos...*».

Confirmando a enorme receptividade do público para com estas produções menores — lançadas a público a baixo preço — recordem-se os numerosos locais de venda existentes na cidade de Lisboa, nesta segunda metade do século. As oficinas tipográficas, os mercadores de livros, os autores e naturalmente os cegos papelistas dedicavam-se ao comércio destes Folhetos⁴, sendo referenciada em diversos textos a preocupação de

² No levantamento feito para este trabalho contámos trinta e duas Casas Impressoras.

³ *Conversacion...*, Madrid, 1752.

⁴ De 1759 a 1771 encontramos indicações de venda na Oficina de Manoel Coelho Amado — no princípio da Rua dos Calafates, esquina da Travessa da Boa-Hora; em 1763 na Of. de Jozé Felipe na Calçada de St. Anna; em 1770 na Of. de António Rodrigues Galhardo, defronte da travessa de St. Quitéria, o mesmo acontecendo em 1777; em 1772 na Of. de Caetano Ferreira da Costa, a S. José; em 1781 na Of. de Chrispim Sabino dos Santos; em 1783, 1784 e 1788 na Of. de Simão Thaddeo Ferreira no princípio da Rua dos Calafates, de onde sairá para a Rua da Atalaya; e em 1787 na Of. de António Gomes, nas Casas do Hospital dos Terceiros, defronte do Chafariz do Carmo.

Os Mercadores de livros e os Cegos Papelistas também publicitavam os seus locais de venda nos Folhetos. Assim temos em 1753 a indicação de venda na «logea de Manoel da Conceição na rua direita do Loreto»; em 1755 «nos Papelistas Da Porta da Misericórdia e no livreiro do Adro de S. Domingos»; em 1763 «na casa de Caetano Ferreira da Costa na rua da Esperança»; em 1764 «antes de chegar ao convento das religiosas de Santa Martha»; em 1765 «na logea de António da Silva Costa, mercador de livros na rua Augusta, travessa de S. Nicolao»; em 1777 «em casa de Antonio José da Rocha, livreiro da rua da Arrochela defronte ao adro de S. Bento»; de 1779 a 1804 «na casa de João Henriques, vindo do Terreiro do Paço à esquerda da rua Augusta; de 1786 a 1791 «vende-se em casa de Jozé Luis de Carvalho, mercador de livros, morador na calçada de Santa Anna»; de 1786 a 1788, Antonio Alves; de 1787 a 1798 Joaquim de Pina, «mercador de livros, assistente nas cazas dos Religiosos de S. Domingos com frente para o Rocio; de 1788 a 1793 «no lugar de Jozé Rodrigues na Rua da Prata junto ao Terreiro do Passo»; em 1789 «no lugar de Francisco Jozé mercador de livros ao alto da calçada do Duque; em 1792 «na mão de Romão Jozé, homem cego, na esquina das

autores e editores em produzir o que desse maiores garantias de sucesso⁵, publicitando, até, por vezes, nos próprios Folhetos o lançamento de novos títulos.

Se o êxito destas produções literárias menores parece indesmentível nesta segunda metade do séc. XVIII, o público que lhe proporcionou esse sucesso poderia situar-se em níveis diversos da escala sócio-cultural. A multiplicidade dos temas e a qualidade tão variável do seu tratamento permite-nos supor que os textos atrairiam gostos e interesses muito distintos. Não nos esqueçamos que nestes Folhetos se publicavam desde Relações Históricas e Militares, até Sermões e histórias de Santos, passando naturalmente pela poesia chocarreira de crítica social e pelos Entremezes que fizeram as delícias de muita gente.

Mesmo as camadas populares analfabetas, sobretudo ao nível das cidades, terão tido acesso a esta produção menor através da prática, muito divulgada na época, da leitura em voz alta. Mas se esse relacionamento não foi, para a maioria, directo, ele terá sido, para muitos, o principal, senão mesmo, o único contacto possível com a cultura escrita.

A importância do Folheto de Cordel no contexto editorial do tempo e a repercussão que conheceu junto do público, tornam legítimo o interesse na análise dos seus conteúdos. A história cultural e a história social só terão a ganhar com isso. Neste contexto procurámos fazer uma breve análise do conjunto de Folhetos que reunimos e que têm em comum o tema das Modas.

Vivia-se, na segunda metade do século XVIII, uma época marcada pela mudança, pela progressiva ascensão económica e social da burguesia, pelo surgimento de uma nova sensibilidade e novos gostos o que, forçosamente, deixaria marcas nas atitudes e comportamentos dos diversos grupos sociais. As Modas serão um dos indicadores dessas mudanças, provocando curiosas reacções de imitação, usurpação e rejeição, que os textos irão reflectir magnificamente.

casas dos Padres de S. Domingos do Rocio, voltando para a Praça da Figueira ou em sua casa na Rua das Atafonas».

Alguns autores muito conhecidos, como José Daniel Rodrigues da Costa ou Leonardo José Pimenta e Antas, estiveram também envolvidos na comercialização das suas obras anunciando a venda nas suas próprias casas.

⁵ Veja-se, por exemplo o Folheto *Fortuna descoberta prologo sentencioso...*, «s. l.», «s. d.», em que o autor diz ter sido aconselhado a compor os «Papeis que tivessem maior gasto...»

Da linguagem dos textos ao discurso oficial do poder

Nos Folhetos com que trabalhámos, publicados entre 1751 e 1792, raras vezes prevalece o tom sério nas invectivas que dirigem contra os gastos sumptuários e os «desvairados trajés e adornos» que as modas iam impondo. Sobressai uma visão bem humorada, irónica e até, muitas vezes satírica, que traz consigo uma certa carga pedagógica passível de intervir socialmente.

Esta «intervenção normativa» pode, em muitos casos, como já o dissemos anteriormente em relação a outros textos⁶, ter a ver com o interesse dos autores em conseguirem, das autoridades censórias, o aval para a sua impressão.

Porém, quaisquer que tenham sido as reais intenções que estiveram por detrás da publicação destes Folhetos de crítica ao luxo e às modas, a «mensagem» colhida em todos os textos estudados está em perfeita consonância com o «discurso oficial» da Igreja e do Estado sobre esta matéria. Ressalvam-se, como é habitual, os textos clandestinos cujo conteúdo não mantém compromissos com as regras impostas a todos os outros.

Se tomarmos como exemplo as reflexões colhidas em duas obras de grande divulgação na época «*A Família Regulada...*»⁷ de Arbiol e «*Eva e Ave ou Maria Triumphante...*»⁸ de António Sousa Macedo, deparámos com um discurso frequentemente adoptado em muitos textos de Cordel, quer quando utilizam os exemplos das Sagradas Escrituras para condenarem os excessos do luxo e as vãs profanidades da moda, quer quando, nas suas críticas, apontam imperativos morais que deveriam funcionar como dissuasores desses comportamentos excessivos. Exemplo deste último caso podemos encontrá-lo na «*Relação de huma carta escrita às Peraltas...*» em que o autor aconselha a dado passo:

⁶ Cf. SANTOS, Maria José Moutinho, *O casamento na sociedade tradicional. Algumas imagens da literatura de Cordel*, «Revista da Faculdade de Letras-História», Porto, II série, vol. V, 1988, pp. 218-219.

⁷ *La Familia Regulada, con doctrina de la Sagrada Escritura...* por el R.P. Antonio Arbiol, sexta impressão, en Madrid en la Imprenta de la Casa de la Venerable Madre Maria de Jesus de Agreda, anno 1676.

⁸ *Eva e ave ou Maria Triumphante...*, Impresso em Lisboa à despesa de Antonio Craesbeeck, anno 1676.

«Vivão Senhoras conforme as suas rendas (...) deixem os enfeites, e o luxo, vivão com mais moderação (...) ponhão as suas esperanças só no Ceo, (...) porque só a gloria do Ceo he que dura para sempre, as pompas e dignidades do mundo nada valem...»⁹

Mas se os textos faziam eco das posturas da Igreja sobre esta matéria iam, por outro lado, em muitas das suas afirmações, ao encontro dos interesses do próprio estado. Este, como é sabido, actuou frequentemente de forma coerciva, procurando dissuadir as transgressões, quer ao nível da usurpação de símbolos de qualidade, que podiam pôr em causa a estabilidade de uma sociedade hierarquizada, quer no tocante aos excessos sumptuários que ameaçavam contribuir para a ruína económica da nação.

Neste caso, e em consonância com o espírito de algumas Pragmáticas, salientem-se as referências frequentes em textos de Cordel à sangria económica que beneficiava o estrangeiro por culpa das desvairadas modas que nos levavam o ouro e a prata a troco de:

*«velvutes pintados, fustoens, chitas,
E mais quinquilharias infinitas,
Pistolinhas de bronze prateadas,
E fivellas de estanho bem lançadas...»¹⁰*

Se as estruturas do poder se preocupavam com a defesa da sociedade hierarquizada: — o que se traduzia, ao nível do vestuário, pela manutenção dos seus símbolos identificadores que garantiam a estabilidade, a permanência, identificando cada indivíduo e garantindo-lhe o lugar que lhe competia dentro da sociedade —; a Igreja, como parte integrante dessa estrutura, não deixou de se pronunciar sobre a matéria. Fê-lo pela pena dos seus moralistas, apontando, constantemente, para a conotação entre traje e dignidade pessoal, que se confundiam um com a outra:

«Não negamos que a veste decente dá testemunho da pessoa que a usa, pelo que é conveniente que cada um se vista segundo o seu estado...»¹¹

⁹ *Relação de huma carta escrita às Peraltas em a qual se lhe apontam os ridiculos trastes de que usão...*, Lisboa na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1787, p. 13.

¹⁰ *Queixas de Clorindo ou reprehençam amigavel das modas extravagantes*, Lisboa 1782, pp. 2-3.

¹¹ O.c., p. 268.

Estas palavras de Arbiol poderão ser completadas pelo que é transcrito no «*Tratado de Theologia Moral...*» onde se afirma a dado passo:

«O corpo politico deve ter seus membros distintos com signaes proprios e Ornatos para que da variedade e boa disposição das partes nasça a formusura da Sociedade (...) Por isso os nobres e Magistrados usam de vestidos mais cultos para darem a conhecer a Dignidade do seu Officio, ou Estado...»¹²

A ostentação usurpadora nos textos de Cordel

Essa preocupação com a defesa desse «*Ornato instituido para dar a conhecer a distincção dos Estados...*»¹³ é com frequência revelada em textos de Cordel onde se criticam essas práticas usurpatórias dos sinais distintivos de grupos sociais superiores. Caso exemplar encontrámo-lo no Folheto «*Methodo pratico, com que as senhoras mulheres assistem nos Templos...*»¹⁴, em que duas amigas, pertencentes à pequena burguesia lisboeta, se escandalizam pelo que vêem na Igreja em plena tarde de Sermão:

«Aurelia—Ay mana, amarre-me esta cabeça com hum enxergão: estou confuza! De manto de seda a filha da Sarangonha! (...) Ainda hontem andava de chichellos e hoje já nos arroja sedas...

Brites—He muito mal feito: não se distingue huma mulher branca de huma michella¹⁴: a culpa não sei quem a tem: Havia de haver huma Ley para cada hum andar segundo a sua qualidade...».

Há neste diálogo uma clara referência à usurpação de símbolos de qualidade que reflectiam o desejo de uma pretendida ascensão social, transgressão que provoca uma reprovação imediata e o apelo à necessidade de leis disciplinadoras que obstariam à repetição de tais abusos.

¹² O.c., p. 52.

¹³ Ibidem p. 53.

¹⁴ *Methodo Pratico...*, Lisboa, na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1760, p. 9.

A circunstância de serem membros da pequena burguesia a expressarem o seu descontentamento repete-se em outros Folhetos, o que permitirá avançar com a hipótese de ser aos grupos sociais intermédios a quem mais interessava pôr cobro a estes abusos, dado que se viam ultrapassados em matéria de representação social por outros de mais baixo extracto.

Vinte e quatro anos depois da publicação do «*Methodo pratico...*», ou seja, em 1784, na «*Correção às modas extravagantes...*» deparámos com os mesmos conteúdos de reprovação a essa ostentação usurpadora numa mensagem explicitamente normativa:

*«Ninguém com galas contrafeitas queira
Fazer pompoza a esfera medianeira,
Nem exceder do seu lemite uzado
Com trages propios a maior estado...»¹⁵*

Mas os textos não se ficam apenas pela crítica a este tipo de transgressões como facilmente se conclui, por exemplo, pelo que afirma uma das personagens do entremez «*O velho cismático*»: «—*Esse tempo era outro, já lá vai: agora he agora, e ninguem he estimado senão pelo vestido e tratamento...*»¹⁶

São, de facto, numerosos os Folhetos que assinalam a progressão de modas ligadas ao desejo de ascensão social e que passavam também pela usurpação de formas de tratamento criticadas, por vezes, com bastante humor:

*«Irra com tanto dom sem tom nem som
Tanto tocar a fogo, dom, dom, dom!
Dona Tarella, Dona Perilampa,
Dona estoutra de tal, que por dom campa!
Forte praga de dons! estou pasmado:
Tudo de dons está contaminado (...)
Contrabando que veste a plebe toda.»¹⁷*

¹⁵ *Correção às Modas Extravagantes...*, Lisboa, Officina de Domingos Gonsalves, 1784, p. 16.

¹⁶ *O velho cismático*, Lisboa, na Officina Luisiana, 1778, p. 8.

¹⁷ *A assembleia do Isque*, Lisboa, na Officina de Fillipe da Silva e Azevedo, 1784, p. 8.

A ociosidade será também uma importante referência destes comportamentos em mudança. Sinal de elevado estatuto social ou de posse de elevados cabedais, há quem procure adoptá-lo, tentando com isso assumir uma postura que lhe não é própria, usurpando assim um símbolo de qualidade e distinção.

São frequentes, quer em entremezes quer na poesia satírica sobre os costumes do tempo, as referências críticas ao ócio que homens e mulheres de pequena burguesia urbana pretendiam a todo o custo demonstrar. É sobretudo sobre os mais jovens que recaem as acusações de desprezo pelo trabalho, de gosto de ostentação e de luxo. São habituais, nas pequenas peças, as queixas dos pais de família, homens sérios, ao uso antigo, contra a inutilidade de filhos e filhas. Elas arrastando, de manhã à noite, a sua ociosidade pela casa ou pelas Assembleias, divertimento, aliás, que partilhavam alegremente com os manos, também frequentadores assíduos dos cafés e dos bilhares.

As Assembleias foram, para muitos «autores de Cordel» o palco preferido para, em numerosos textos, ridicularizarem as personagens que, ali, assumiam um estatuto e um comportamento a que não tinham direito, nem por nascimento nem por fortuna. Há saborosas páginas escritas em redor do chá e das torradas, dos criados, das baixelas e dos trastes que revelam um olhar atento e mordaz sobre uma sociedade que ia alterando progressivamente as regras da sua própria conduta.

Mas, essas preocupações de ostentação ligadas ao desejo de ascensão social são no entanto, nestes Folhetos analisados, referenciadas sobretudo ao nível do traje. Sendo o «ser social» muito mais importante do que o «ser individual», a aparência exterior, transmitida em grande parte pelo vestuário (que acompanha, em todas as circunstâncias, o indivíduo) torna-se a preocupação máxima.

A Moda — da Corte ao Espaço Urbano

Trajar bem é agora sinónimo de vestir à moda, moda que vem do estrangeiro e de que são os primeiros consumidores os membros dos grupos sociais elevados. A corte era, por excelência, o centro difusor dessas modas e, ainda em meados do século, Frei Lucas de Santa Catarina na sua «*Torina Fêmea...*» não deixa de aconselhar à Senhora a ter «*hua amiga no Paço para a enformar das modas, pois de lá hé que saem todas as invenções de toda a legitima moda...*»¹⁸

¹⁸ In RODRIGUES, Graça Almeida — *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983, p. 160.

A mesma ligação entre a Corte e o traje de moda é referenciada, um pouco mais tarde em 1760, no Folheto «*Methodo pratico, com que as senhoras mulheres assistem nos Templos...*» quando Brites, desejosa de copiar um desses «lenços picados» que se começavam a usar em Lisboa e para o qual tinha «*peitado huma Franceza para lhe fazer esse beneficio*», recebe da amiga Aurélia este oferecimento:

«*Nao ha duvida: eu tenho hum molde de hum que me veyo do Paço; em eu fazendo o meu remetter-lho-hey, se se quizer servir delle tambem.*»¹⁹

Mas, se de início o traje de moda estava circunscrito à nobreza de Corte, lentamente ele irá introduzir-se em grupos sociais inferiores, até à pequena burguesia, num processo normal de imitação que se limita, no entanto, às populações urbanas, excluindo sempre o mundo rural.

Esta demarcação de espaços de influência é curiosamente assinalada num Folheto de 1787 «*A formidavel briga, e escaramuça, que tiveram na feira duas adelas...*»²⁰ que narra a desventura de uma saloia que se vestira no dia do noivado com um traje de moda, alugado em Lisboa. O seu propósito era «*aparecer entre os amigos de botas e cajado feita Senhora de Corte e armada à Ingleza*». Mas na aldeia, para sua desgraça, noivo e familiares vão interpretar incorrectamente as razões do uso das «*anquinhas de arame e das ilhargas de acolchoado*». Acusada por todos de já «*andar pejada*», perde a reputação e o pretendido casamento.

É assim punido aquilo que poderíamos denominar como um comportamento «transgressor» ao violar os códigos de representação de um dado grupo social e ao tentar, fraudulentamente, apropriar-se de outros símbolos.

As Adelas seriam facilmente cúmplices destas «transgressões». Inúmeras vezes as personagens dos Entremezes, em total estado de pelintrice, mas querendo «*luzir nas funções*», servem-se de roupas usadas, de moda, que tomavam das Adelas. Na pequena peça «*Novo Entremez*», Aurélia convence sua avó Casquimurra a usar deste estratagema porque «*deste modo bazofeia muita gente*» e a Adela «*nestes e outros semelhantes alugueres ganha dinheiro inconsideravel...*»²¹.

¹⁹ O.c., p. 5.

²⁰ *A formidavel briga e escaramuças que tiveram na feira duas Adelas e huma Saloia sobre as Anquinhas de arame...*, Lisboa, na Officina da Academia Real das Sciencias, 1787.

²¹ *Novo Entremez*, p. 4.

Note-se que, curiosamente, a própria legislação lhes permitia a venda de roupas usadas, sem quaisquer restrições, na cidade de Lisboa, possibilitando a qualquer um, a troco de algumas moedas, fazer-se passar por aquilo que não era, através do eterno jogo das aparências.

Se o mundo rural permaneceu fechado à influência das modas, os textos descrevem-nos, em contraponto, um fenómeno de assimilação progressiva das novidades entre a população urbana, particularmente da capital, notando-se, paralelamente, o que poderíamos chamar a «democratização» da própria moda. O facto não deixa de criar as inevitáveis «resistências» tão bem reflectidas em alguns textos de Cordel. Explora-se neles o ridículo de situações extremas, colocando-se em cena a Tendeira, ou a mulher do Albardeiro, como inevitáveis seguidores das modas.

Mas esta divulgação da moda, para além de aspectos sócio económicos, tem a ver também com os seus próprios meios de divulgação. Lembremo-nos que em 1739 a então princesa Mariana Vitória escrevia à rainha de Espanha, sua mãe, queixando-se da má vontade de sua sogra — Maria Ana de Austria, mulher de D. João V — em lhe mostrar três bonequinhos recém-chegadas de França, vestidas e penteadas à moda. Pede então, encarecidamente, à mãe que lhe envie duas dessas bonecas:

*«...je vous prie tres humblement ma chere mere
de men faire venir deux de France une habille
en robe de Court et une autre de Robe de Chambre
abilles et coefes a la derniere mode pour lui
montrer que je les peuts avoir sans quelle me
fase la Grace de me montrer les sienes...»²²*

Situação totalmente diversa ao enfeudamento à moda que a Corte transmitia para o exterior acontecerá para os fins do século, como nos descreve Ruders recordando que essas precisas bonecas «chegavam em todos os paquetes vestindo os últimos modelos usados em Londres»²³.

Confirmando essa divulgação, no país, das novidades em matéria de vestuário, adereços e penteados, pode ler-se num ofício de 1804 da I.G. da Polfícia:

²² Cf. BEIRÃO, Caetano — *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória*, Lisboa, E.N.P., 1936, P. 168.

²³ RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal 1798-1602*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, p. 27.

«Nesta Intendencia consta que algumas alfayatas denominadas modistas, inventam diariamente modas de vestidos para pessoas do sexo feminino espalhando bonecas que fazem, outras figurinhas em pintura, para cujo fim tem ganhado alguns artistas...»

Do fascínio da novidade à rejeição do tradicional

Há, em muitos Folhetos, referências à preocupação das personagens em «*seguirem a moda*», «*trajar à moderna*» o que acarreta, desde logo um vivo desprezo pelo que é tradicional. Àqueles que defendem esse vestuário do passado, por próximo que este seja, são os «*gingas*», os «*góticos*», os «*antiquários*», ridicularizados por se manterem afastados dos novos códigos de representação social, em matéria de vestuário. O antigo não é mais um modelo a copiar. O importante passa a ser o que é diferente, frequentemente estrangeiro:

*«Pasma de ver as Damas numa sala!
Bonecas preciosas!
Vestem à Turca, Toucam-se à Gentia;
Que o trage Portuguez he grifaria.»²⁴*

Também na «*Assembleia Curioza*» uma das personagens afirma, a dada altura, a este propósito: «*...o antigo ainda que seja rico e excelente, ou se despreza ou se desmancha para se converter em outra cousa (...) porque o que se manda desmanchar já senão usa.»²⁵*

Veja-se, por outro lado, no Folheto «*A grande dezordem que teve o marido com a mulher por não querer que trouxesse o tupete à marrafe*», a reacção de Rozimunda quando Florêncio, seu marido, se recusa a aceitar o seu novo penteado:

²⁴ *O Espreitor do Mundo Novo*, Fevereiro, Lisboa, 1802, p. 23.

²⁵ O.c., p. 4.

«Pois se V.M. quer ser gotico, se quer ser refructario às leis da moda, eu o não quero ser (...) a culpa tive eu em cazar com hum homem rançoso, sem amar as modas amando a jarretisse...»²⁶.

Na ficção dramática, de cordel, estas atitudes sofrem as inevitáveis sanções quando entra em cena um marido, um pai, um amigo velho castigando ou simplesmente admoestando, na defesa do antigo, do tradicional, porque honesto, sério, digno. O traje de moda, rompendo todas as ligações com o passado, torna-se subversivo. Mas o seu fascínio residia, precisamente, na novidade.

O luxo e a moda: entre a acusação e a defesa

A importação das modas estrangeiras não suscitou nos textos de Cordel apenas críticas denunciadoras da ostentação e do luxo ou da fuga a valores tradicionais. Em muitos Folhetos, sem dúvida alguns dos mais divertidos, foram ridicularizadas, impiedosamente, as próprias formas do vestuário.

As críticas sucediam-se:

«As madamas deste tempo são paineis de ridiculas figuras: de que serve huma manta com pontas de cortina de caza de pasteleiro! De que serve hum tal toucado feito de tisse frizado todo posto em cocuruto como púcara de doce com seu papel encrespado?»²⁷

Se as modas femininas são as mais frequentemente visadas, os homens também não são poupados e sobre os seus trajes e adornos são tecidos, por vezes, os mais cáusticos comentários.

²⁶A grande dezordem que teve o Marido com a Mulher Por não querer que trouxesse o Tupete à Marrafe, Lisboa, na Officina de Antonio Gomes, 1791, p. 5.

²⁷Defeza das Madamas a favor das suas modas..., Lisboa, na Officina de António Gomes, 1792, p. 9.

*«Vejo os homens com tantos disparates,
Que mais que homens parecem bonifrates,
Comecêmos nos pés; são as fivélas,
Como quaiquer caixilhos e janelas (...)
As vestes, são jalecos marujáes,
Que cobrem o embigo, e nada mais, (...)
E o xapeo ha tal disparidade
Que mal cabe nas ruas da Cidade...»²⁸*

Por vezes são os próprios Folhetos a referirem-se a essas críticas, tão frequentes nos «Entremezes de Cordel», denunciando um diálogo com o próprio quotidiano citadino. Num desses textos, e dirigindo-se às mulheres, acusa o autor:

*«Por causa das modas todos os dias tem o
amargoso divertimento de se verem
apregoadas dos cegos em Farças
e Entremezes engraçados, que lhes descobrem
expostas ás rizadas do público suas vãs e
disparatadas loucuras...»²⁹*

Mas esta crítica bem humoradã parecia não dar grandes resultados: — a não ser, evidentemente, para os autores dos papelinhos, que terão feito à volta deste tema um bom negócio. Num Folheto de 1786, um dos personagens, referindo-se aos mantinhos de tafetá com armação, então em voga, desabafa a dada altura:

*«Eu às vezes fico com a boca aberta de ver
estas máquinas volantes (...) por isso os
amigos cégos continuamente andão apregoando
papeis que todos elles se encaminhão a
criticar estas loucuras, mas coisas de emenda
nada de novo...»³⁰.*

Mas se, tal como pudémos comprovar para muitos outros textos de

²⁸ *Nova Palestra que teve hum velho camponês (...) com hum Peralta*, Lisboa, na Officina de Feliipe da Silva e Azevedo, 1785, p. 3.

²⁹ *Nova Palestra em que as Senhoras da Moda entretem as tardes de Sermão*, Lisboa na Officina de Domingos Gonsalves, 1786, p. 11.

³⁰ *A grande bulha e algazarra Que fizerão os Rapazes a huma Velha por trazer Anquinhas e Lenço grande à Peralta*, Lisboa, Officina Morazziana, 1786, p. 6.

temática diversa³⁴, há Folhetos que condenam, asperamente, toda esta profusão de novidades que, segundo eles, além de ridículas, ameaçavam arruinar as famílias e, em última análise, o próprio país, outros há que se arvoram em defensores das modas, criticando tudo o que se escrevia em seu desfavor. Um dos textos mais interessantes sobre este ponto de vista é, sem dúvida, a «*Satyra em louvor das modas...*» cujo autor afirma:

*«Meus senhores, confesso que não posso
Ouvir tanto ralar: ha tal abuso!
Em sahindo huma cousa fora d' uso,
Satyras logo: hum velho não consente,
Senão o que elle usou; impertinente
Mofa de quanto vê; e blasfemando
Contra nós, o seu tempo idolatrando...»*³¹.

Se estas palavras não têm por si senão o peso de um mero desabafo, há, mais adiante, uma afirmação cujo conteúdo avança com justificações que entram no campo da economia e que reflectem as posições de certos sectores de opinião que viam algumas vantagens nessa constante mobilidade da moda:

*«Eu a moda defendo: que o dinheiro
Assim corre; desfruta o çapateiro,
O alfayate, lucra o mercador,
O serigueiro, o sujo penteador,
Os generos, se extrahem, e na verdade,
Nisto consiste hum bem da sociedade...»*³².

Não muito longe destas afirmações situam-se as palavras do Desembargador Manuel de Almeida Carvalho a propósito do luxo:

*«Pode considerar-se um meio auxiliador que sustente a máquina duma sociedade florescente. O inventor, o artista, o manufactor cujas obras fazem a alma do comércio e da riqueza nacional, deixariam de o ser se as suas obras em matérias as tirassem do giro, e do consumo, porque quando este e aquele é maior, tanto mais geral é a riqueza nacional...»*³³.

³¹ *Satyra em louvor das Modas*. Lisboa, 1783, p. 8.

³² *Ibidem*, p. 13.

³³ Cf. DIAS, Luís Fernando de Carvalho — *Luxo e Pragmática no pensamento económico do séc. XVIII*, Coimbra, 1958, pp. 49-50.

Aliás, o luxo e moda vão andar, quase sempre, lado a lado, porque a moda tiraniza vontades e, como se afirma na «*Assembleia Curiosa*», «já nenhuma pessoa de qualquer estado, ou condição que seja usa para seu adorno de cousa, que lhe esteja bem ao corpo, ou ao semblante, que não seja da fôrma que se costuma...»³⁴.

Esta preocupação de identificação com a moda acarreta consigo, naturalmente, um excesso de gastos a que numerosos textos fazem referência. Não é só a variedade e mobilidade da moda que obriga a despesas porque, inevitavelmente, tudo o que se usa se paga por bom preço. «...humas meias salpicadas, horrendas, feias, sem gosto mas por moda muito caras...»

A mulher — o alvo preferencial das críticas

Como tem sido afirmado, a mulher desempenha em muitos Textos de Cordel um papel protagonista, embora lhe sejam dados para representar, de preferência, papéis transgressores. Neste particular das modas, de que ela se tornara a principal consumidora, as regras mantêm-se e os estereótipos também. A mulher será, assim, o alvo preferencial das críticas, pela ousadia dos seus trajes, pelos seus gastos excessivos, pela bizzarria dos adornos, num rol quase infindável de acusações.

O que está em causa em todas essas críticas não é, no entanto, a condenação, pura e simples, da novidade:

*«O moderno he estimavel, eu o louvo, e vejo que a todos deve agradar, porém tudo deve ter hum meio termo, podesse seguir a moda, sem que desta se abuse, para que de grave, e decente não fique disforme e horrenda...»*³⁵.

É, aliás, consensual a postura dos Textos de Cordel que estudámos quanto a esta matéria, mais uma vez seguindo à letra o que afirmavam os moralistas. As modas são condenáveis quando arrastam a atitudes ou provocam comportamentos que ultrapassam «*os limites da Modéstia e da Temperança*». Dentro dela, mas sem lhe copiar os excessos, é legítimo que cada um, segundo o seu estado ou condição aspire a um «*adorno lícito*». E às mulheres era-lhes expressamente reconhecido o direito de disfrutarem desse «*ornato*», «já para agradarem a seus maridos já para

³⁴ O.c., p. 3.

³⁵ *A grande bulha e algazarra Que fizeram os Rapazes...*, p. 5.

moverem honestamente os Homens que as procurem para Esposas»³⁶.

Esta finalidade primordial do ornato feminino estará sempre salvaguardada nos textos que estudámos. Nenhum marido deverá privar sua mulher ou filha de se apresentarem com a decência própria da sua condição, o que será para ele um acrescentamento de honra. Deste modo, as críticas que encontramos em tantos textos de Cordel não vão dirigidas a esposas recatadas que, como D. Curuja, poderiam afirmar:

*«Eu tenho a minha popa, a minha fita,
Este vestido, ainda que he de chita,
Mui bem póde passar, e estes brinquinhos,
Ja casei, não preciso outros alinhos.»*³⁷

São apenas os exageros que suscitam a habitual ira dos pais de família, como Ambrozio, do Entremez *Os Peraltas Castigados*, que clama a dado passo:

*«Póde haver em todo o Mundo quem se compare a mim? Tudo nesta
caza são modas, tudos são poupas, tudo choroens, plumas volantes, e por
fim mil traquinadas, que sendo as loucas de minhas filhas, e mulher quem
as poem na cabeça, a minha he que fica doida.»*³⁸.

Mas, se sob um ponto de vista moral «*os adornos profanos da mulher são laços do demónio, preparados para caçar as almas...*»³⁹, numa perspectiva pragmática poderiam contribuir para aumentar o valor social da mulher solteira e deste modo melhorar as suas expectativas matrimoniais. Num dos textos que utilizamos⁴⁰, a filha de uma meretriz, que «*ainda hontem andava de chichellos cheirando de porta em porta*», ao apresentar-se bem trajada obtém promessa de casamento de um homem de bem, «*hum moço perfeito*».

Não podemos deixar de ter em conta que para a mulher, vivendo em função do seu papel biológico, se tornava essencial não só «mover» o homem ao casamento, mas atraí-lo, de seguida, ao leito conjugal para que

³⁶ *Compendio de Theologia Moral Evangelica...*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1776, p. 53.

³⁷ *Chocalho dos annos de D. Lesma*, Lisboa, na Officina Patriarcal, 1783, p. 3.

³⁸ *Os Peraltas Castigados...*, Lisboa, na Officina de Domingos Gonsalves, 1786, p. 1.

³⁹ Cf. Arbiol, o.c., p. 273.

⁴⁰ *Methodo Pratico...*

se cumprisse o fim último do matrimónio. Para tanto era preciso seduzir, fundamentalmente, através da aparência.

Se esta preocupação era legítima e tinha a ver com as próprias estratégias matrimoniais, os excessos, como sempre, provocaram críticas sobretudo àquelas que logravam os pobres noivos atraídos por enagadoras aparências.

O vestuário, os adornos terão, assim, uma importância decisiva nesse jogo erótico que se desenrolava em redor do casamento e mesmo, para desespero de muitos, à rebelia dele, quando «*a Mulher se enfeita com fim máo de provocar á incontinencia...*»⁴¹.

São constantes, nos Manuais de Teologia Moral, as verberações contra o «*vão, immoderado, e superfluo Ornato das Mulheres...*», socorrendo-se os autores dos exemplos dos Antigos, das Sagradas Escrituras, das palavras dos Santos Padres, numa vã tentativa para suste esse incontrolável desejo de atrair através de uma busca incessante de artifícios.

Recordem-se duas quadras ensinadas aos fiéis pelos eclesiásticos que se dedicavam às Missões populares por todo o país, e que associam moda e misoginia, duas realidades que andaram frequentemente juntas:

*«Estes trajes descompostos
que vós chamais à franceza
são laços com que o diabo traz a vossa alma preza*

*E quantos estes trajes veem
todos correm grande risco
porque a vista da mulher
mata como bazalisco».*

A evolução das modas nos Folhetos de Cordel

Um dos factores de êxito dos folhetos sobre as Modas era a actualidade das suas críticas. O público gostava de ver caricaturada, na ficção, a realidade com que deparava no seu quotidiano. Podem, por isso, seguir-se as variações da moda através da leitura dos Folhetos.

⁴¹ *Compendio de Theologia...*, p. 56.

Um texto muito interessante, e que nos situa precisamente em meados do século, é o «*Testamento de uma França...*»⁴², editado clandestinamente em 1751. Para além dos seus objectivos primordiais — uma crítica verrinosa às ordens religiosas — sobressai, desde logo, a referência ao predomínio da moda francesa no país onde reinará, indiscutivelmente, apesar dos entraves da Pragmática.

Mas ressalta, também, do texto essa união indissociável entre a moda e as práticas de sociabilidade. A moda liga-se à exibição, à teatralidade. «A França», veste as suas melhores galas para a Missa, para os Sermões da Quaresma, para as Novenas, com a mesma devoção com que se põe à janela, para mostrar a sua «bandarice».

O mesmo fará, mais tarde, a Senhora da moda quando se chamar Sécia, Peralta ou Tafula, correndo com fervor para Assembleias e Teatros dando parte que «*nas modas é a mais xarifa*».

As mulheres, mas também os homens disputam num cenário de festa — religiosa ou profana — o direito ao reconhecimento social, à honra, que lhe será conferida pela imagem que pretendem transmitir.

Essa imagem, que se confunde com um ideal de elegância, irá sofrendo as inevitáveis mutações, acompanhando a evolução da própria moda, mas não o fará impunemente. Toda a mudança inclui desvio, no mínimo, de um padrão convencional que, por antigo, se tornará digno, respeitável, exemplar.

Frequentes vezes, e em anos muito diversos, se fará apelo, nestes Folhetos, a esse modelo tradicional, que é representado, aqui, por algumas facetas do traje usado na primeira metade do século, esquecidas que são, convenientemente, todas as extravagâncias da moda desse tempo.

Aos homens recordam-lhes os «*calções justos por cima do joelho*», «*o colarinho de hum só dedo de altura*», «*o chapéu de três bicos do mesmo comprimento*», o cabelo «*sem pôz, banha ou pomada*», a casaca com mangas «*de canhão de palmo e meio*», o sapato com «*huma fivelinha que quazi mal se vê*».

Às senhoras é lembrada, também com insistência, a gravidade e acerto de um trajar que incluía «*huma comprida saia que cobria todo o pé*», «*manto e vestido de seda grossa*», cabeça coberta de chapéu ou lenço, cabelos sem polvilhos, jóias antigas e valiosas, «*nada de diches de França*».

⁴² *Testamento que de seus Ornatos Enfeites, e Adornos fez huma França...*, Cataluna, en la Empr. de Francisco Guevarz, 1571.

Mas, as transformações da moda feminina conduzirão durante este período, como é sabido, a profundas alterações na silhueta. Os ideais de beleza mantiveram a exigência de mulheres roliças, demasiado gordas para os padrões actuais, recorde-se, mas frequentemente apreciados em diversos textos:

*«Benza-te Deos! Cada vez estás mais gorda! Isso me agrada, ver-vos cada vez mais perfeita...»*⁴³.

Este corpo que se queria cheio, nutrido, de formas bem arredondadas, sofreu tratos de polé para se adaptar aos cânones de elegância que iam sendo impostos pela moda. Os Folhetos que reunimos vão dando conta destas transformações que estavam sujeitas, inevitavelmente, à aprovação de uns e à condenação de outros. A moda das anquinhas é prova disso. As mulheres advogam em sua defesa:

*«Que bem fazem brilhar as senhoras estas anquinhas. Que tanto afformozeão estas centuras de arame...»*⁴⁴,

enquanto os homens as condenam com veemência:

*«As anquinhas da moda
Não posso acomodar-me
Que são estas senhoras, penso e acho
Hum ópio da sentura para baixo
Não ha porta em que caiba huma senhora
Não ha sege em que caiba
E a sala maior com esta idéa
em tendo seis senhoras fica cheia»*⁴⁵.

Mas os detractores desta moda não tardaram a criticar, à sua chegada, uma nova moda: a dos vestidos rectos, que caíam naturalmente ao longo do corpo, sem qualquer armação, transformando por completo o aspecto da mulher:

⁴³ *O Divertimento das noites de Inverno*, Lisboa, 1779, p. 5.

⁴⁴ *A grande bulha e algazarra Que fizeram os Rapazes...*, p. 3.

⁴⁵ *Opios que dão os Homens e as Senhoras na cidade de Lisboa huns aos outros...*, Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1786, p. 7.

*«Algumas já não usão das anquinhas,
Andam todas esguias,
Meio termo não tem estas damnadas,
Tísicas hão de ser, ou ser inchadas»⁴⁶.*

Mas não há apenas silhuetas que se alteram, há também cabeças que se modificam. No tempo de D. Maria e seguindo os modelos franceses, os toucados altos atingem espantosas proporções, tornando-se, por isso, alvos preferidos das sátiras contra as modas. Se Tolentino escreveu a crítica mais mordaz a estas «*Torres de Mafra*» a estes «*zimbórios*» ou «*Castellos de Almada*» fazendo sair com suprema mestria «*um colchão de dentro do toucado*», são numerosas, entre os textos que recolhemos, as referências anedóticas a esta moda. Uma delas, que transcrevemos a seguir, narra os incómodos suportados pelas fiéis seguidoras de mais esta francesia:

*«Também no amavel sexo feminino
Ha muito grande excesso e desatino (...)
O mandarem tirar as almofadas
Das carroagens as que vão toucadas,
Porque não vá tocar nos tozadilhos
Já brancos da pomada, e dos polvilhos.
E porque não lhe basta esta cautélla,
Obrigada se vê a Ninfa bella
A constranger seu corpo delicado,
Ou de levallo alli como esmagado»⁴⁷.*

A construção destes espantosos «*edifícios*» exigia a presença de uma criada, habitual «*consultora das modas*», de cuja habilidade e perseverança dependia a elegância da ama. Há, a este propósito, diálogos deliciosos no «Teatro de Cordel».

Mas nem sempre a destreza das criadas satisfazia as exigências das senhoras que, por vezes, requisitavam a presença de um cabeleireiro, artífice indispensável para empresas mais dificultosas. Vários Entremeses referem que eram admitidos em casa, na intimidade das senhoras, de quem eram os melhores aliados nas conversações sobre as modas.

⁴⁶ *Modas do tempo Descobertas na Quarta parte dos Opios*, Lisboa na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1788, p. 5.

⁴⁷ *Queixas de Clorindo...*, p. 12.

A actuação destes profissionais não era, naturalmente, exclusiva do sexo feminino. O Peralta é, frequentes vezes, ridicularizado sofrendo horrores enquanto lhe armam o topete:

*«Entre as mãos de voraz Cabeleireiro,
Que a unha nelle dá o dia inteiro,
Coroadado de branda paciência,
Faz o manso Peralta a penitência (...)
Mordendo os beiços, e rangendo o dente,
Soffre constante alli o rijo pente,
Que quando a hirsuta grenha lhe arrepia,
As estrellas lhe amostra ao meio dia»⁴⁸.*

Mas as poupas das senhoras, que tanta tinta haviam feito correr, irão ver o fim do seu reinado com a introdução de novos penteados, em que os cabelos naturais surgiam cortados à frente, em franja, emoldurando o rosto. Perante a novidade e ainda que os maridos se negassem a autorizar tais desvarios, as senhoras da moda, como Rozimunda personagem de um Entremez, não hesitariam em declarar:

«O tupete ha de ser cortado, he moda, e isto basta, já me aborressem as poupas, tenho dez todas frizadas tendo-lhe hum ódio mortal, tomara pizallas aos pés; não ha galantaria como as gadelinhas cahidas sobre a testa...»⁴⁹

Mas, ontem tal como hoje, muitas das «novidades» eram apenas recreações de velhas modas e aquilo que se criticava por demasiado «ginga» podia voltar a ser motivo de apreço:

«...estas mesmas modas (...) se bem nos recordarmos, com bem pouca diferença são as mesmas, que se usavão algum dia»⁵⁰.

Se os textos reflectem, ao longo destes anos, a variedade das modas, é notório, por outro lado, que as mudanças ocorrem sobretudo ao nível dos pequenos detalhes, nos acessórios e nos adereços. A estrutura, tanto

⁴⁸ *Correcção ás modas extravagantes e aos usos ridiculos e affectados*, Lisboa, na Officina de Domingos Gonsalves, 1784, p. 4.

⁴⁹ *A grande dezordem que teve o Marido com a Mulher...*, p. 3.

⁵⁰ *A formidavel briga e escaramuça que tiveram na Feira...*, p. 4.

do traje feminino como do masculino e as suas formas gerais mantêm-se com muito mais durabilidade.

Uma profusão de críticas irá meter a ridículo essas alterações no vestuário e nenhum pormenor estará isento de uma boa ferroada. No traje feminino nada, que seja novidade, escapa à condenação. Ora é o uso de tecidos estampados:

«...he moda huma casta de droga, de que as mulheres fazem sayas, que me parecem hum labyrintho de Creta porque são taes as cores, e matizados, que mais servem de rizo que de gosto»⁵¹;

ou a adopção dos xailes:

*«São ópio estes xailes de que usão
Pois julgam ser decencia
Cubrir-se huma Senhora quasi toda
Con hum lençol pintado, e franja à roda.»⁵²*

ou a profusão dos adereços, entre mil e um outros pretextos:

*«Que só tenham dinheiro as senhoritas
Para pós, para plumas, para fitas
Para perolas falsas, e velorios,
Para brincos de vidro relamborios
Para tantos volantes, para garças...»⁵³*

No vestuário masculino as críticas recaem ora nos chapéus:

«ha dous dias trazias hum chapéo, que era huma filhós, e o botão era huma roda de sege... Hoje trazes hum de Frialeira com um botão de camiza...»⁵⁴

⁵¹ *Medicina de Amor*, Lisboa, na Officina de Ignacio Nogueira Xisto, 1764, p. 7.

⁵² *Opios que dão os homens...*, p. 7.

⁵³ *A Assembleia do Isque*, p. 3.

⁵⁴ *Casquilharia por força*, Lisboa, na Officina de Domingos Gonsalves, 1781, p. 4.

ora nas fivelas dos sapatos:

*«Já não he Cortezão, não he polido
Quem não escolhe o molde mais comprido,
Mais façanhoso, e feito por tal modo
Que abarque o pé, e tome o couro todo.»*⁵⁵

ou nas meias:

*«em lugar de branca ou preta meya
uzão de humas de pelle de moreya.»*⁵⁶

ou mesmo no corte da casaca:

*«...huma cazaca tão cozida com o costado que parece de envergonhada
se quer esconder para tras...»*⁵⁷.

Tudo afinal serviu de pretexto para alimentar essa chacota colectiva contra as modas.

O outro lado das aparências

A construção de um personagem de moda, homem ou mulher, implica, para além do vestuário, um rosto e um corpo. Naturalmente que estes se tornam muito importantes no sexo feminino porque *«o primeiro dote da Mulher para o mundo he a formosura, e esta he a Prerogativa, com que se elevam. Os Homens se fazem estimar pelo valor, as Mulheres pela formosura...»*⁵⁸

O vestuário terá aqui uma função essencial, pondo em relevo a natureza, ou ultrapassando-a mesmo, sempre que esta não se mostre pródiga em encantos, criando, para isso, enganosas aparências. Vários textos com que trabalhámos, narram, a este propósito, as desilusões de alguns noivos logrados:

⁵⁵ *Queixas de Clorindo...*, p. 6.

⁵⁶ *Nova Palestra que teve hum velho camponês...*, p. 3.

⁵⁷ *A defeza das Madamas A favor das suas Modas...*, Lisboa na Officina de António Gomes, 1792, p. 2.

⁵⁸ *Compendio de Theologia...*, p. 53.

*«Eu vi certo marido lamentando
Os enganos que teve (...)
He possível, dizia este bom homem,
Que eu casasse com as modas,
Que buscando mulher, nestes instantes
Não ache mais que fitas e volantes?
Que visse huma mulher fazendo vulto,
Anafada e vistosa,
Que depois de casar, neste conflito,
Em lugar de mulher ache hum palito?
Por este modo o triste se queixava,
Como espelho dos outros:
Ninguém busque casar sem mais exames
C' uma mulher armada por arames.»⁵⁹*

Uma vez que a moda exigia decotes enormes, os seios furiosamente a descoberto, quem não os tinha a contento podia sempre seguir os conselhos dados à «*Torina Fêmea*»:

«Os peitos puche-os bem para cima, se os tiver capazes, e se não meta-lhes huas almofadinhas.»⁶⁰

Aliás, durante algum tempo, a moda tornou mais excitantes estes particulares encantos femininos, quando se velaram os decotes com «*lenços de volante transparente, que o que devem ocultar po-em mais patente...*»⁶¹ Mais uma vez, ao cobrir pudicamente, a moda criava um poderoso atractivo sexual.

Mas, tal como o vestuário, a higiene participava na arte de representação. Estar na moda significava estar, ou parecer, limpo. Uma vez que o banho não fazia ainda parte dos hábitos de cada um, a roupa limpa era sinónimo de higiene e esta sinal de distinção.

Algumas vezes surgem nos Folhetos críticas à falta de limpeza de Casquilhos e Peraltas.

⁵⁹ *Modas do Tempo...*, p. 5.

⁶⁰ O.c., p. 169.

⁶¹ *Nova Palestra que teve hum velho...*, p. 7.

⁶² *Queixas de Clorindo...*, p. 4.

*«Os bofes da camisa sem demora
vão fugindo do peito para fora
Pela pouca limpeza que vai dentro
Entro a supor que a camiza he de maneira
Que ha dez dias a trouxe a lavandeira
Só os bofes que estão nela pegados,
Forão inda que á pressa bem lavados.»*⁶²

É notório que a preocupação de limpeza se fica apenas por aquilo que pode ser visto da camisa, isto é, a gravata de rendas. Há assim uma fraude na representação que está de acordo com o estereótipo da figura representada.

Suprema construção do personagem de moda é o rosto, centro de todas as atenções. Emoldurado por um toucado, ele próprio uma soma de feéricos artifícios, de frisados, de postiços, polvilhos, laços e fitas — verdadeiros covis de *«trepantes marinheiros»* que então povoavam *«as matas frizadas»*, não esqueçamos — o rosto exigia de homens e mulheres o maior desvelo e atenção.

Alguns Folhetos de Cordel divulgaram as perfeições que deviam assistir numa Senhora para ser verdadeiramente formosa. Para isso, os olhos deviam ser grandes e negros, as faces coradas, a testa branca e lisa, a boca pequena e cor de cravo, as sobrancelhas negras e espessas, as pestanas pretas e compridas, os dentes alvos, miudos e unidos, o pescoço alto, roliço e branco... e se tivesse *«hum certo modo de rosquinhas seria perfeito.»*⁶³

Tais exigências levaram à construção de falsas formosuras, que, para isso, o *«alvaiade»* criava resplandecentes brancuras, o *«carmim»* voluptuosos rosados. Os toucadores guardavam ciosamente os artefactos de beleza — leite de amêndoas, mel, cânfora, água de flor, óleo de jasmim, água de Córdova e da Hungria, sabonetes cheirosos, pentinhos, ferros de encrespar...

Muitos rostos feios, marcados pela doença — varíola, sífilis etc. — pela velhice, ou simplesmente por regimes alimentares desequilibrados, renasciam pelo artifício, à custa das *«tigelinhas de cor»* dos *«remedios da untura»* dos *«sinaes»*, dos *«pós de França»*.

O homem da moda, primeiro o Casquilho, depois o Peralta, não escaparam à poderosa atracção destes argumentos, e isso valeu-lhes, como sempre, críticas virulentas:

⁶³ *Nova Relação das melhores prendas de que se deve adornar huma mulher para ser Formosa*, Anstardam, En la nueva Imprenta de Belchior Chefelé.

«Num homem, Oh Deos, que horror tamanho
Da natureza, e da razão estranho!
Que apareça cheirozo, e perfumado,
E que gaste seis horas no toucado,
Como a gentil Donzella melindroza,
Ou que applique na face a côr de roza,
Que vá mordendo os labios para o fim,
De lhes fazer tomar côr de rubim...»⁶⁴

A efeminação do homem não podia ser mais explicita. Afinal eram as mesmas sedas, as mesmas rendas, os mesmos adereços que ornamentavam os dois sexos.

Estranho, bizarro personagem, este homem da moda, fútil, ocioso, narcisista. Dos pés à cabeça um jogo de aparências, nem mais nem menos verdadeiro que a sua congénere feminina. O fim do século tira-los-ia da cena. Mas outros personagens tomariam rapidamente o seu lugar.

Moda francesa e moda inglesa

Uma última palavra sobre as referências, colhidas nos Folhetos estudados, à influência das modas francesa e inglesa no nosso país. Uma vez que os textos abarcam o período de 1751 a 1792, com especial incidência nas décadas de 70 e 80, ressalta, com grande relevo, a filiação à moda francesa. A época da decisiva influência inglesa, para o fim do século, ligada à conjuntura política internacional, e testemunhada por vários estrangeiros que nos visitaram nessa altura, não é ainda visível nestes textos.

No entanto num Folheto de 1782 intitulado *Queixas de Clorindo...* encontram-se já amplas referências à introdução em Portugal de produtos ingleses, ligados ao vestuário e adornos, o que suscita amplas críticas, da parte do autor, pelo sorvedouro de riquezas em que se tornara esse comércio:

«Em seus pés (do Peralta) novo molde, o qual se inventa

⁶⁴ *Queixas de Clorindo...*, pp. 14-15.

*Pelo famoso Inglês, que uza do ingenho,
De trocar-nos a prata pelo estanho;
Podendo sustentar com estas tretas,
À custa de Peraltas e patetas,
Huma renhida guerra de tantos annos
Com França, Hespanha, Olanda e Americanos.»⁶⁵*

Para além das alusões deste texto, há outras referências esparsas a peças de vestuário e adorno de modelo inglês. Apontem-se, a título de exemplo, os «*capuchins à inglesa*», «*os botões de brunido aço de Inglaterra*», «*as fardas à Malteza que fizeram Lisboa ser Inglesa*», etc.

CONCLUSÃO

Da análise que fizemos aos cinquenta e cinco Folhetos seleccionados da Coleção da B.P.M.P., cremos poder reter algumas conclusões, ainda que provisórias, tendo em conta a índole do próprio trabalho.

Ressaltamos como pontos essenciais:

— Em primeiro lugar, a tendência normativa de todos os textos (ressalvam-se, naturalmente, os clandestinos), que, ou incluem uma expressiva «*lição moral*», por vezes dirigida ao próprio leitor, ou se assumem como sátiras e reconhecem o seu papel na moralização dos costumes. A interpretação deste pendor formativo dos textos tem que passar, forçosamente, pelo «*espaço legal*», necessariamente curto, em que se moviam autores e impressores;

— o segundo aspecto a ter em conta é, a nosso ver, relacionar as críticas contra os excessos a que conduzia a moda, não apenas com o reflexo do «*discurso oficial*» do poder, mas também com valores próprios da burguesia: utilidade, prudência, poupança, decência.

Estes valores contrastavam fortemente com os estereótipos do homem e da mulher da moda que percorriam todos os textos, neles ressaltando um comportamento que tem na ostentação, no luxo, no ócio, referências fundamentais. Essas atitudes e comportamentos assentavam, frequentemente, como se viu, numa fraude de representação, já que, os personagens não têm nem o dinheiro, nem a posição social, nem a fidalguia pretendida;

⁶⁵ Ibidem, pp. 2-3.

— Não podemos deixar de relevar também, como o fizemos a devido tempo, a preocupação dos grupos sociais intermédios com a usurpação de símbolos de qualidade e distinção por parte de outros de mais baixo extracto que, desafiando as normas, ameaçavam ultrapassá-los em matéria de representação social.

— Finalmente, julgamos poder apontar o interesse das duas atitudes que se perfilam nos textos — de aprovação e repúdio — quanto ao luxo e às modas. Ambas espelham outras tantas interpretações económicas do fenómeno.

Para além do que ficou dito cabe ressaltar, mais uma vez, a importância dos «Textos de Cordel». Por vezes, com inesperadas riquezas de conteúdo, eles podem contribuir para uma compreensão mais rica do passado.

Sobre a Moda de Setecentos que foi, afinal, o pretexto inicial deste trabalho, ficaram-nos os ecos da sedução que exerceu, através do irresistível fascínio da sua própria efemeridade. Num século que, entre nós, foi barroco por excelência poderia ter sido de outro modo?